

# CONVERGÊNCIA 2023

## Convergir em quê? Com outros

[www.umbral-red.org](http://www.umbral-red.org)

Laura Kait  
laukait13@gmail.com

Há muitos anos, em Barcelona, nós, colegas de instituições lacanianas não milerianas nos reuníamos para ver em que aspectos convergíamos. Falávamos da explosão que provocou a morte do Mestre, como em cada espaço seguiríamos lendo e estudando sua obra, e, especialmente, como entendíamos a clínica que ele nos transmitiu. A imagem que nos representou foi o espaço, com suas estrelas e planetas, resultado de outra explosão. Ampliamos o nosso desejo de convergir para associações de diversos países e fizemos os dois primeiros encontros, aqui, no Hotel Alimara. E hoje Celebramos 25 anos dessa primeira Convergência. Convocávamos psicanalistas no exílio. Fora de.

Estive três anos da minha vida - com outros - dedicada a organizar esses encontros - com outros - e depois fiquei sem instituição. A associação a que eu pertencia exigia uma fidelidade que impedia o diálogo - com outros -, pecado capital da maioria das associações da época... e *encore*. Enquanto para falava-se em convergir, internamente falavam para você com quem você não podia ensinar ou que leituras não podia fazer. Fui embora, horrorizada com o duplo discurso. Eu me autodenominei psicanalista em trânsito, posição que mantive, fora de... interessante lugar. Da minha experiência convergente o que ficou de melhor são as pessoas. Colegas, novos amigos. Quero destacar o encontro com Rodrigué, encontro que se repetiu na Bahia, durante um Lacanoamericano. Um psicanalista que continha a história e a atualidade psicanalítica, e a compartilhava com generosidade. Uma ética. Em sua memória, lucidez e humor tão especial, esta lembrança.

O que sempre me interessou dos ensinamentos de Freud e de Lacan, onde me inscrevo, é no trabalho clínico, em primeiro lugar. Os dois nos ensinaram que a leitura começa por casa. Ler a si próprio, conhecer bem os textos próprios, a letra que te criou, para poder ler no discurso de alguns outros. Freud ensina que há dois momentos na aprendizagem e também coloca os limites da clínica<sup>1</sup>:

*quero supor que a maioria de vocês já superou as duas fases de sua aprendizagem: a do entusiasmo frente à inesperada extensão da nossa ação terapêutica e a da depressão frente à magnitude das dificuldades que correm no nosso caminho.*

---

<sup>1</sup> S. Freud, O porvir da terapia psicanalítica. 1910. Obras Completas. T V, pag.1564. Ed. Biblioteca Nueva. Madrid1972

Eu já tenho a idade para ter superado as duas fases, e isso nos faz entrar na terceira, que é esse lugar vital deste ofício. Uma prática que nos permite a permanência no estudo, a paixão pelo questionamento, e sobretudo, a constância na escuta, que apontando para a redução do gozo, ajuda outra pessoa naquilo que temos de melhor: a possibilidade de desejar, tão pouco praticada. Sei que alguns acharão ingênuo este panorama. Conheço os discursos sobre o psicanalista torturado por ocupar esse lugar a partir do qual ele cai como um dejetivo. E me parecem supérfluos, embora saiba que é assim, esse assim é um como se. Não confundo o semblante com o que tem de bom o trabalho em psicanálise, incluídos os dilemas e muitas brigas. Incluídas as pequenas e as enormes diferenças. Sempre há ocasião para o encontro. A alegria de confrontar com nossos colegas, a possibilidade de convergir. Pas de quatre é hoje esse lugar, um grupo de FEP, onde eu participo e que me permite voltar aqui. O Pas de Quatre é essa dança na qual quatro de passagem - porque sempre é fora de - dão o passo e também quatro que pas, quatro que não. Porque não apenas quatro.

A partir de não apenas quatro, para outros, então, retomo a história. Com a fundação de Convergência, eu começo a compreender que aquela que era até esse momento a minha instituição, já não me interessa, eu a deixo, me afasto. Ao ficar sem instituição, fico também sem Convergência e como *psicanalista em trânsito*, percorro várias associações que me rodeiam e me surpreende que todas elas estejam voltadas à fábrica do psicanalista, finalmente, ao âmbito escolar.

Lacan, em *Dissolução*<sup>2</sup> nos previne sobre os riscos da escolarização, visto que a estabilidade do sentido é sempre religiosa.

Nesse trânsito, fico surpreendida com a leveza do acordo de que só a psicanálise clínica é em intensão e a extensão é a relação com as produções do âmbito social. O que eu vejo claramente é que o que deve se estender é a clínica psicanalítica. Estávamos na entrada do século XXI, o império do mundo financeiro ganhou todas as frentes, as neurociências foram globalizadas, a abordagem farmacêutica triunfa, as redes sociais, a ausência de presença até para fazer amor e, sobretudo, há um auge da estupidez. Abandona-se a leitura em favor do olhar.

E nosso meio não está isento de estupidez. Os jovens em formação vão escutar aqueles que supõem que sabem. Freud já não é lido, ou é lido apenas o Freud citado por Lacan. E como não cansam de repetir que Lacan é difícil, pedem que outro leia para eles e o entregue digerido. Consomem Lacan enlatado.

Eu me debato neste dilema: a formação é cara e as sessões são caras. Enquanto isso, a psicanálise é segregada das instituições gratuitas do Estado.

Assim, a intensão e a extensão, sempre pensadas como antagônicas, serão o primeiro ponto a inverter. Penso que devemos estender o melhor do nosso ato, a clínica. Então, com alguns outros,

---

<sup>2</sup> J. Lacan, *Carta de Dissolução*, 5-1-81 <http://www.bibliopsi.org/docs/lacan/32%20Seminaro2027.pdf>

desenho a instituição que me interessa. Nasce UMBRAL, uma rede assistencial onde os psicanalistas se associam para receber tantos pacientes quantos eles estabelecerem, pela quantia que possam pagar. Segundo ponto a reverter: a psicanálise é inacessível economicamente. Os pacientes são encaminhados pelos serviços sociais ou por sugestão dos websites da Prefeitura de Barcelona e da Generalitat de Catalunya. Eles vêm dos hospitais, das escolas, e fundamentalmente, da recomendação boca a boca. São encaminhados a partir de uma primeira entrevista de avaliação e cada um propõe os honorários possíveis.

Na UMBRAL há também espaços de formação, de supervisão, também com honorários acessíveis para os profissionais. Realizamos encontros com outros discursos, grupos de estudo, jornadas, inclusive festas. A característica diferencial é que qualquer analista pode propor, organizar e coordenar uma ideia própria, se alguns outros a apoiarem, será colocada em prática. Não propomos a formação enquanto escola, mas como espaços de interlocução entre pares diferentes. E o que propomos, sim, é a psicanálise como prática social em um meio preso no âmbito cognitivo da conduta, onde o sujeito é considerado uma mercancia, vale pelo que ele compra. Isto é, vale por quanto investe em drogas farmacêuticas.

Em Barcelona, quase não há psicanálise na saúde pública, não há tempo. Não só não há tempo para o paciente, há muito menos tempo para a formação, os profissionais são técnicos, uma espécie de agentes de venda dos laboratórios, afastados do campo da saúde. Os políticos tampouco têm tempo para pensar algo útil para os cidadãos, são cúmplices dos objetivos da política financeira. É uma época de corruptos, embora sejam chamados de neoliberais. É essa a situação. E ali estabelecemos UMBRAL, um limiar para alguns, que permite dar o passo para outro lado. Da ignorância promovida pelo capitalismo ao saber promovido pela psicanálise. O saber não está na moda, é um espaço “fora de”. Um bom lugar. Um espaço que dá lugar à ética, que é particular. Como sempre a psicanálise fez, e que cada tanto alguns de nós lembram na nossa atividade, a partir desse lugar fora de e com alguns outros.